

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

ENSINO DE ARTE E MÚSICA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

ENSINO DE ARTE E MÚSICA

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DO ENSINO DAS ARTES
RESUMO
Estudo de tópicos fundamentais da História da Arte no Brasil com abordagem interdisciplinar, envolvendo aspectos históricos, sociológicos e artísticos, considerando o período que abrange desde a Pré-História (arte pré-colonial) até nossos dias. Competências: reconhecer a arte como sistema cultural; estudar a arte como fenômeno social; identificar o papel das instituições artísticas e culturais para a configuração do campo artístico no Brasil; apresentar artistas e obras da arte brasileira. Habilidades: conhecer as produções e os diferentes momentos da arte no Brasil; identificar aspectos da arte desde o período pré-colonial até a contemporaneidade.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 CAVERNAS E DESENHOS A PINTURA CORPORAL INDÍGENA CERÂMICA INDÍGENA OS VIAJANTES HOLANDESES EM BELAS PAISAGENS IMAGINÁRIO DA FAUNA E DO INDÍGENA
AULA 2 OS ANTECEDENTES EUROPEUS O BARROCO DE CADA REGIÃO DO BRASIL: PARTICULARIDADES AS IGREJAS BAIANAS IGREJAS MINEIRAS GRANDES MESTRES
AULA 3 MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA NO BRASIL VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL: JOHANN MORITZ RUGENDAS ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES: PROMOÇÃO POLÍTICA E POSSIBILIDADE DE CRÍTICA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES: REFORMA E OUSADIA APROXIMAÇÕES COM O MODERNO
AULA 4 A IMPORTÂNCIA DE UMA ARTE NACIONAL: VICENTE DO REGO MONTEIRO O ÁPICE MODERNISTA EM SÃO PAULO O ÁPICE MODERNISTA NO RIO DE JANEIRO? OSWALDO GOELDI ECOS MODERNISTAS NO PARANÁ
AULA 5 NO RIO DE JANEIRO: CONTEXTO POLÍTICO E SENSIBILIDADE ARTÍSTICA SÃO PAULO E A URBANIZAÇÃO A CRIAÇÃO DOS MUSEUS DE ARTE MODERNA EM SÃO PAULO E NO RIO DE JANEIRO

INSTITUIÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS - A BIENAL DE 1951
OS ABSTRATOS

AULA 6

NOVAS LINGUAGENS E NOVAS TECNOLOGIAS: O VÍDEO E O MAC-USP
DESMATERIALIZAÇÃO E CONCEITUALISMO
NEOCONCRETISMO
ARTE E ENGAJAMENTO
GRAFITE E A RELAÇÃO SOCIAL COM A CIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- BORGES, E.; FRESSATO, S. Arte em seu Estado: história da arte paranaense. vol.1. Curitiba: Medusa, 2008.
- LIPPARD, L.R.; CHANDLER, J. A desmaterialização da arte. Revista Arte & Ensaios. n.25., maio, 2013. Disponível em: www.ppgav.eba.ufrj.br2013/12ae25_lucy.pdf. Acesso em: 24 nov. 2016.
- OLIVEIRA, C.M.S. O Brasil seiscentista nas pinturas de Albert Eckhout e Frans Janssoon Post: Documento ou inovação do Novo Mundo? Centro Virtual Camões – Instituto Camões. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/carla_mary_oliveira.pdf. Acesso em: 23 nov. 2016.
- TIRAPELI, P. Arte Brasileira: Arte Indígena do Pré-colonial à contemporaneidade. Col. Arte Brasileira. São Paulo: Editora Nacional, 2006.

DISCIPLINA:

ATIVIDADES RÍTMICAS E DANÇA

RESUMO

Para iniciarmos nossos estudos sobre a linguagem da dança, é imprescindível refletirmos sobre seus significados em diferentes espaços, os quais podem ser culturais/locais ou até mesmo temporais. Além disso, é necessário estudarmos sobre a ferramenta pela qual a dança torna-se possível: o corpo humano, que tem um funcionamento complexo e harmônico e é carregado de diferentes significados para cada povo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
CONCEPÇÃO DE CORPO
ANATOMIA E FISILOGIA HUMANA
MOTRICIDADE HUMANA
CORPO E CULTURA

AULA 2

INTRODUÇÃO
CIVILIZAÇÕES ANTIGAS
IDADE MÉDIA
CORTES EUROPEIAS E BALLET CLÁSSICO
DANÇA MODERNA

AULA 3

INTRODUÇÃO
DANÇA CONTEMPORÂNEA

A DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS COMPANHIAS DE DANÇA NO BRASIL
PRINCIPAIS FESTIVAIS DE DANÇA NO BRASIL

AULA 4

INTRODUÇÃO
OS DOCUMENTOS OFICIAIS
LEI DE DIRETRIZES E BASES (LDB) E A DANÇA
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN)
BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

AULA 5

INTRODUÇÃO
LABAN: ESTUDO DOS MOVIMENTOS
REFLEXÕES DE ISABEL MARQUES
REFLEXÕES DE MARCIA STRAZZACAPPA
REFLEXÕES DE GISELE ONUKI

AULA 6

INTRODUÇÃO
CONCEITOS DE VIDEODANÇA
CUNNINGHAM: O PIONEIRO DA VIDEODANÇA
ANALÍVIA CORDEIRO: VIDEODANÇA NO BRASIL
O QUE ENVOLVE A PRODUÇÃO DE UMA VIDEODANÇA

BIBLIOGRAFIAS

- BERTAZZO, I. Corpo vivo – Reeducação do movimento. Colaboração de Ana Marta Nunes Zanolli, Geni Gandra, Juliana Storto e Liza Ostermayer. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.
- CASTRO, S. V. de. Anatomia fundamental. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- FLORES, M. B. R. Corpo e imagens replicantes. Seminário de Danças E por falar em... Corpo performático fazeres e dizeres na dança. Instituto Festival de dança de Joinville. Joinville: Nova Letra, 2013. Disponível em: http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/VI-Seminarios-deDanca-E-por-falar-em...CORPO-PERFORMATICO_Varios-Autores.pdf. Acesso em: 22 jun. 2019.

DISCIPLINA:

MÚSICA E CRIATIVIDADE

RESUMO

Os capítulos foram organizados para que seja possível compreender o que é ser criativo na música, perceber quando um aluno é criativo, e saber propor atividades que estimulem um ambiente propício à criação. Para isso, um percurso foi traçado de modo que as primeiras aulas são dedicadas a discussões sobre o significado da criatividade, os elementos que devem ser considerados para identificar quando ela ocorre e as formas como esse tema tem sido investigado. Em seguida, apresentamos as formas de pensar a criatividade na área da música, e então seguimos para abordagens práticas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
CRIATIVIDADE COMO ALGO NOVO E ÚTIL
CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO
O CONHECIMENTO E A REALIZAÇÃO CRIATIVA
APRENDIZAGEM CRIATIVA

AULA 2

INTRODUÇÃO
ABORDAGEM PSICOMÉTRICA
ABORDAGEM SISTÊMICA
TEORIA DO INVESTIMENTO EM CRIATIVIDADE DE STERNBERG
MOTIVAÇÃO
PROCESSO COGNITIVO

AULA 3

INTRODUÇÃO
O QUE, NA MÚSICA, É CRIATIVO?
ASPECTOS COGNITIVOS DA ESCUTA MUSICAL CRIATIVA
FUNÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO CRIATIVO
IMPLICAÇÕES PRÁTICAS: PESSOA CRIATIVA, PROCESSO CRIATIVO E PRODUTO CRIATIVO

AULA 4

INTRODUÇÃO
O PENSAMENTO CRIATIVO EM MÚSICA
TEORIA DO FLUXO
CRIATIVIDADE E COMPOSIÇÕES EM SALA DE AULA
CRIATIVIDADE E TECNOLOGIA

AULA 5

INTRODUÇÃO
IMITAÇÃO COM VARIAÇÃO
TROÇA DE TURNO/CORRELAÇÃO E TEMPO REGULAR DOS TURNOS
A PEDAGOGIA DA INTERAÇÃO REFLEXIVA PARA A CRIATIVIDADE MUSICAL
CRIATIVIDADE E INTERAÇÃO REFLEXIVA

AULA 6

INTRODUÇÃO
A CRIATIVIDADE POR MEIO DA IMPROVISAÇÃO
ATIVIDADES INTERATIVAS-REFLEXIVAS
ESTIMULANDO A CRIATIVIDADE EM PRÁTICAS DE CONJUNTO
AVALIANDO A CRIATIVIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- DELALANDE, F. La musique est un jeu d'enfant. Buchet-chastel: Paris, 2017.
- ELLIOTT, D.; SILVERMAN, M. Music Matters: A Philosophy of Music Education. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2015.
- FILHO, H. S. C. Criatividade: o avesso do avesso do avesso. In. NICOLA, R. M. S. Ensaio sobre a docência universitária. Curitiba: PUCPress, 2014. p.125- 131.

DISCIPLINA: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
RESUMO
O cinema é arte que fascina o homem desde sua criação, há mais de 120 anos. A arte cinematográfica passou por muitas mudanças ao longo do tempo, e aqui abordaremos especialmente seus primórdios.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 INTRODUÇÃO A CRIAÇÃO OFICIAL DO CINEMA O CINEMA-ESPETÁCULO DO CINEMA ARTESANAL AO CONCEITO DE CINEMA INDUSTRIAL O INÍCIO DO CINEMA EM OUTROS PAÍSES
AULA 2 INTRODUÇÃO A SENSÇÃO DE "REALIDADE" DO CINEMA A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA A SEMIÓTICA APLICADA À LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA A IDEOLOGIA E A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
AULA 3 INTRODUÇÃO OS DIFERENTES ÂNGULOS DE CÂMERA E SEUS EFEITOS PLANO CAMPO RITMO
AULA 4 INTRODUÇÃO CONTINUIDADE MONTAGEM MISE EN SCÈNE ATORES
AULA 5 INTRODUÇÃO A CHEGADA DO CINEMA "FALADO" O SOM E SUAS VERTENTES NO CINEMA A COR NO CINEMA A LUZ NO CINEMA
AULA 6 INTRODUÇÃO OS GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS ROTEIRO ENREDO ESTILO E ORIGINALIDADE DOS CINEASTAS
BIBLIOGRAFIAS
<ul style="list-style-type: none">• LEIGH, D. et al. O livro do cinema. São Paulo: Globo Livros, 2016.

- MASCARELLO, F. História do cinema mundial. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2008.
- MCLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. 18. reimp. São Paulo: Cultrix, 2014.
- NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2015.

DISCIPLINA:
MÚSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

RESUMO

O “brincar” é uma estratégia que chama a atenção das crianças e adolescentes, envolvendo-as de maneira interessada na construção do conhecimento, incluindo a prática da interdisciplinaridade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

RESPEITO AO UNIVERSO INFANTIL

A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA - OUVINDO SONS E RUÍDOS

A CONSTRUÇÃO DE AMBIENTES ADEQUADOS PARA AS AULAS DE MÚSICA

ESPAÇOS ADEQUADOS, SEMPRE QUE POSSÍVEL

AULA 2

INTRODUÇÃO

JOGOS RÍTMICOS MUSICAIS COM UTILIZAÇÃO DE BRINQUEDOS

JOGOS RÍTMICOS MUSICAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ATENÇÃO E

MEMÓRIA

JOGOS RÍTMICOS MUSICAIS PARA TRABALHAR A QUESTÃO DO TEMPO E ESPAÇO

SUGESTÕES ADICIONAIS PARA OS JOGOS RÍTMICOS MUSICAIS

AULA 3

INTRODUÇÃO

JOGOS MUSICAIS PARA DESENVOLVIMENTO AUDITIVO E MELÓDICO

RECURSOS MULTIMÍDIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUDIÇÃO E

CONHECIMENTO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

JOGOS COM ÊNFASE NA DINÂMICA MUSICAL E ALTURA DOS SONS (GRAVE, MÉDIO, AGUDO, FORTE E FRACO, CRESCENDO, DIMINUENDO)

NOÇÕES DE MELODIA NA ESCRITA E NA LEITURA MUSICAL

AULA 4

INTRODUÇÃO

JOGOS MUSICAIS PARA A INTEGRAÇÃO COM AS ARTES CÊNICAS

BRINCADEIRAS MUSICAIS PARA A INTEGRAÇÃO COM AS ARTES PLÁSTICAS

MÚSICA, ARTES E HISTÓRIA

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES MUSICAIS ENVOLVENDO DIFERENTES CULTURAS

AULA 5

INTRODUÇÃO

DESENHANDO PARA EXPRESSAR IMAGENS SONORAS

PRÁTICAS ENVOLVENDO A CRIAÇÃO DE PAISAGENS SONORAS

PAISAGENS SONORAS, IMAGENS E CANÇÕES
JOGOS MUSICAIS E O COTIDIANO

AULA 6

INTRODUÇÃO

JOGOS MUSICAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA INTERDISCIPLINARIDADE

A PRÁTICA DA INTERDISCIPLINARIDADE JUNTO AO ENSINO MUSICAL

JOGOS E RECURSOS MULTIMÍDIA PARA O ENSINO DE MÚSICA E INSTRUMENTOS
MUSICAIS

REVISÃO DE JOGOS SELECIONADOS PARA AS AULAS DE JOGOS MUSICAIS EM
SALA DE AULA

BIBLIOGRAFIAS

- RODRIGUES, I. A. Rítmica de Émile Jaques Dalcroze. Genebra: InstitutoDalcroze, 1997.
- SCHAFFER, M. O ouvido pensante. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- SUZUKI, S. Educação é amor. Santa Maria: Pallotti, 1994.
- TEIXEIRA, M. I. S. M. A trajetória Histórica da Educação Musical e a influência dos paradigmas da educação. Dissertação de Mestrado. PUCPR, 2007.

DISCIPLINA:

METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE - ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E
ENSINO MÉDIO

RESUMO

O objetivo desta disciplina é fazer uma breve introdução às novas pedagogias da educação musical desenvolvidas na primeira metade do século XX (também conhecidas como métodos ativos, por priorizar o envolvimento ativo dos alunos) e apresentar as ideias e propostas pedagógicas de Émile Jaques-Dalcroze e Edgar Willems – dois pioneiros que influenciaram profundamente outros grandes pedagogos musicais, como Carl Orff e Zoltán Kodály. Juntos, estes educadores formam o que ficou conhecido como a Primeira Geração de Educadores Musicais. Considerando a imensa variedade de contextos em que educação musical pode acontecer, serão apresentadas sugestões de atividades e exercícios baseados em cada uma das pedagogias. A intenção é inspirar cada professor a criar seus próprios exercícios e atividades, de acordo com os recursos disponíveis, e adaptá-los à realidade sociocultural de seus alunos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

DALCROZE E A MÚSICA QUE RESSOA NO CORPO, NO CÉREBRO E NO CORAÇÃO
RESSOANDO NA PRÁTICA

WILLEMS E A PEDAGOGIA BASEADA NA EXPERIÊNCIA
EXPERIENCIANDO NA PRÁTICA

AULA 2

INTRODUÇÃO

ATIVIDADES INSPIRADAS NA ORFF-SCHULWERK

JOS WUYTACK: APRENDER MÚSICA FAZENDO MÚSICAS

SISTEMA ORFF-WUYTACK

IDEIAS PARA SALA DE AULA

AULA 3

INTRODUÇÃO
KODÁLY NA SALA DE AULA
VILLA-LOBOS E SUA OBRA PEDAGÓGICA
VILLA-LOBOS EM SALA DE AULA
KODÁLY E VILLA-LOBOS

AULA 4

INTRODUÇÃO
MODELO DE IMPROVISACÃO #1
OUVIDOS QUE PENSAM NOS SONS DO MUNDO
EXERCÍCIOS PARA CONSCIENTIZAÇÃO SONORA
O MÉTODO DE NÃO TER MÉTODO

AULA 5

INTRODUÇÃO
AÇÕES SONORAS NA PRÁTICA
SOM E SILÊNCIO NA EDUCAÇÃO MUSICAL
A MÚSICA CRIATIVA NA SALA DE AULA
EXPERIMENTOS SONOROS NA EDUCAÇÃO MUSICA

AULA 6

INTRODUÇÃO
EXERCITANDO A RÍTMICA VIVA
INCLUSÃO E AUTONOMIA POR MEIO D'O PASSO
O PRÉ-PASSO
COMO OS ALUNOS APRENDEM?

BIBLIOGRAFIAS

- BOYARSKY, T. Dalcroze Eurhythmics and the Quick Reaction Exercises. The Orff Echo – Winter, 2009, p. 15-19.
- CARLOW, R. Book Review: WILLEMS, Edgar: Psychological Foundations of Music Education. In: Journal of Historical Research in Music Education, v. 37, n. 1, 2015, p. 94-99.
- DAMACENO, G. G. Personalities in World Music Education No. 10 – Edgar

DISCIPLINA:
ARTE E CULTURA

RESUMO

O objetivo deste material é compreender os conceitos de cultura e culturas populares, tendo como ciências norteadoras a história e a antropologia. A ideia proposta é nos desvencilhar de concepções pré-concebidas e tentar compreender a importância de um olhar mais analítico sobre as culturas. Também é importante superar a ideia de que conhecimento formal ou condição social privilegiada são sinônimos de ter cultura. A história, por sua vez, nos fará perceber como os intelectuais, ao longo do tempo, foram transformando os seus olhares sobre o tema e valorizando tanto a diversidade quanto às dimensões populares das culturas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

1. O CONCEITO ANTROPOLÓGICO DE CULTURA
2. ETNOCENTRISMO
3. RELATIVISMO E ALTERIDADE
4. CULTURAS POPULARES: UM CONCEITO PLURAL
5. FOLCLORE VERSUS CULTURA POPULAR

AULA 2

1. IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA: REFERÊNCIAS HISTÓRICAS
2. CULTURA POPULAR NACIONAL EM SÍLVIO ROMERO E MÁRIO DE ANDRADE
3. INTELECTUAIS E ESTADO: ENTRE O POPULAR E O NACIONAL
4. O NACIONAL E O LOCAL
5. AS IDENTIDADES REGIONAIS: POPULAR VERSUS MODERNO

AULA 3

1. CULTURAIS MUNDIALIZADAS
2. CULTURA POPULAR E CULTURA DE MASSAS
3. URBANIDADE E MODERNIZAÇÃO
4. PATRIMÔNIO IMATERIAL
5. MESTRES E MESTRAS

AULA 4

1. ARTE OU ARTESANATO?
2. A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E A MÚSICA POPULAR DO BRASIL
3. O SAMBA E O NACIONAL-POPULAR
4. MÚSICA, RITUAL E RITMOS REGIONAIS
5. PATRIMONIALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DAS ARTES POPULARES

AULA 5

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA
2. O TRÂNSITO, A PLURALIDADE E O SINCRETISMO RELIGIOSO
3. CONVIVÊNCIA RELIGIOSA
4. RELATOS DE CAMPO
5. O CULTO AOS SANTOS NÃO OFICIAIS

AULA 6

1. NARRATIVAS POPULARES: MITOS
2. NARRATIVAS POPULARES: LENDAS
3. O TRABALHO COLETIVO COMO FESTA
4. A ARQUITETURA POPULAR
5. A FOLKCOMUNICAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- MAGALHÃES, A. O que é cultura popular. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- VIVEIROS DE CASTRO, M. Laura. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial. Rio de Janeiro. n. 147, pp. 69-78, 2001. Disponível em: http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Cultura_e_Saber/CNFCP_Cultura_Saber_do_Povo_Maria_Laura_Cavalcanti.pdf. Acesso em: 5 jul. 2017.

DISCIPLINA: DA PINTURA RUPESTRE AO PÓS-MODERNISMO
RESUMO
Esta disciplina consiste na abordagem de temas centrais da psicologia cognitiva da música em interface com as subáreas da musicologia, com destaque para a educação musical. Nesse sentido, nosso trabalho será orientado à construção de conhecimentos a partir das principais contribuições teóricas e empíricas da literatura especializada. Para tanto, procuraremos (a) compreender a relevância do conhecimento científico sobre os processos psicológicos envolvidos nas realizações musicais, (b) apontar as principais teorias e os resultados de pesquisas relacionadas ao desenvolvimento musical sob a ótica da psicologia cognitiva da música e (c) destacar algumas das propostas construídas a partir da intersecção entre psicologia, educação e música, por meio de uma leitura crítica e reflexiva acerca da produção nacional e internacional das últimas décadas.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 INTRODUÇÃO SURGIMENTO DA PSICOLOGIA COGNITIVA DA MÚSICA O QUE HÁ ENTRE A MÚSICA E AS CIÊNCIAS COGNITIVAS? UM DIÁLOGO ENTRE A NEUROCIÊNCIA E A COGNIÇÃO MUSICAL IMPLICAÇÕES DOS ESTUDOS SOBRE COGNIÇÃO E NEUROCIÊNCIA PARA APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO MUSICAL
AULA 2 INTRODUÇÃO DA ENCULTURAÇÃO AO TREINAMENTO DE HABILIDADES MUSICAIS AS CAPACIDADES REPRESENTACIONAIS, OS CONCEITOS E ESQUEMAS COGNITIVOS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS O DESENVOLVIMENTO MUSICAL NA INFÂNCIA O DESENVOLVIMENTO MUSICAL ALÉM DA INFÂNCIA
AULA 3 INTRODUÇÃO PRINCIPAIS CONTRIBUTOS TEÓRICOS DE EDWIN GORDON DESENVOLVIMENTO MUSICAL SEGUNDO KEITH SWANWICK DESENVOLVIMENTO MUSICAL SOB A ÓTICA CONSTRUTIVISTA: APROXIMAÇÕES ENTRE KEITH SWANWICK E JEAN PIAGET TEORIA ESPIRAL DE SWANWICK E TILLMAN (1986)
AULA 4 INTRODUÇÃO PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA MOTIVAÇÃO CRIATIVIDADE SOB O PRISMA PSICOLÓGICO E EDUCACIONAL: ASPECTOS CONCEITUAIS ABORDAGENS TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA CRIATIVIDADE RELAÇÕES ENTRE MOTIVAÇÃO E CRIATIVIDADE: APORTES PARA O DESENVOLVIMENTO MUSICAL
AULA 5

INTRODUÇÃO

OS CONHECIMENTOS METACOGNITIVOS E SUAS VARIÁVEIS
OS PROCESSOS DE REGULAÇÃO E CONTROLE METACOGNITIVO
OS BENEFÍCIOS DA METACOGNIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM E O
DESENVOLVIMENTO MUSICAL
MÚSICA E METACOGNIÇÃO: DESAFIOS INVESTIGATIVOS E INTERVENCIONISTAS

AULA 6

INTRODUÇÃO

O DETERMINISMO RECÍPROCO E A AGÊNCIA HUMANA: FUNDAMENTOS
TEÓRICOS
AS CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA E A MOTIVAÇÃO PARA APRENDER E ENSINAR
MÚSICA
A AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM MUSICAL
A APRENDIZAGEM MUSICAL POR OBSERVAÇÃO: A MODELAÇÃO SOCIAL EM FOCO

BIBLIOGRAFIAS

- SLOBODA, J. A. A mente musical: a psicologia cognitiva da música. Londrina: EDUEL, 2008.
- STERNBERG, R. J.; STERNBERG, K. Psicologia cognitiva. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.
- TEIXEIRA, J. F. O que é filosofia da mente. 2. ed. Porto Alegre: Fi, 2016.
- VOLPE, M. A. Por uma nova musicologia. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade de Brasília. n. 1, 2007, 107-122.

DISCIPLINA:

NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS - LINGUAGEM, CINEMA E LITERATURA

RESUMO

Pesquisar, conversar e escrever sobre narrativas pode ser visto de diferentes maneiras. Alguns diriam que é um grande desafio, enquanto outros podem afirmar que é um privilégio. Mas podem ser ambos ao mesmo tempo. Por que um desafio? Por causa de seu aspecto contemporâneo e porque lidar com narrativas é, antes de tudo, contar histórias. Por outro lado, é um privilégio, pois representa a oportunidade de refletir sobre como as narrativas contribuem para e com os atos pedagógicos na educação linguística. Conectar teoria e práticas é o que pretendemos fazer neste capítulo. Considerar apenas um em detrimento do outro seria uma redução indesejável. Ambos devem ser levados em consideração, uma vez que são questões subjacentes quando se trata de educação linguística, já que teoria e práticas juntas compõem o conhecimento envolvido no processo de ensino e aprendizagem.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

THE INSEPARABLE CONNECTION BETWEEN FORM AND IDEOLOGY
IN THE TWENTY-FIRST-CENTURY CULTURE(S)
AMONG MULTIPLE IDENTITIES AND CONTEXTS
FEATURES OF THE NARRATIVE DISCOURSE

AULA 2

INTRODUÇÃO

BEING AND ACTING IN SOCIETY
THE POWER OF THE EMOTIONS
INTERRELATED MODES

NARRATIVE ETHICS: THE DANGER OF A SINGLE STORY

AULA 3

INTRODUÇÃO
LANGUAGE AS DISCOURSE
BILINGUALISM, TRILINGUALISM AND PLURILINGUALISM IN MULTILINGUAL
CONTEXTS
TRANSLINGUAL PRACTICES
DEVELOPING LANGUAGE THROUGH NARRATIVES

AULA 4

INTRODUÇÃO
LITERATURE VERBILITY AND CINEMA ICONICITY
CONCERNING ADAPTATION
NARRATIVE ELEMENTS
GENRE IN NARRATIVES

AULA 5

INTRODUÇÃO
THE ART OF NARRATION AND ARTIFICIAL NARRATIVE INTELLIGENCE
AUTHORSHIP: THE WHO(S)
IS THERE ROOM FOR CRITICALITY?
INTERCULTURALITY: WHAT ROLE DOES IT PLAY?

AULA 6

INTRODUÇÃO
LIFE AS NARRATIVE: SELVES
NARRATIVE TO CREATE POWER
PEDAGOGICAL PRAXIS: STRATEGIES AND TOOLS
FINAL THOUGHTS

BIBLIOGRAFIAS

- BOONE, A. The New Narrative: Storytelling in the 21st Century. Ethos3. 2019. Available at: <https://ethos3.com/2019/06/the-new-narrative-storytelling-in-the21st-century/>. Accessed: 16 aug. 2022.
- BRUNER, J. Life as Narrative. Social research. v. 71, n. 3. Fall, 2004, p. 691-710. CAMBRIDGE Dictionary. Narrative. Available at: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/narrative>. Accessed: 16 aug. 2022.
- CONTEMPORARY Narratives Laboratory. People's Palace Project. 2021.

DISCIPLINA:

METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE

RESUMO

Quando falamos em ensino de arte, temos de ficar atentos para as diversas modalidades no qual ele pode estar inserido. Ele pode ser realizado em um ateliê, onde os alunos buscam por conhecimentos específicos e apontados por eles mesmos, ou são atraídos por propostas prévias feitas pelo instrutor – no caso, o professor. Esse ensino também pode ser trabalhado em sala de aula, onde os alunos são matriculados desde a infância e recebem conhecimentos sobre arte embasados em documentos e materiais didáticos que norteiam o fazer artístico-pedagógico de seus professores. A questão é: qual a diferença entre esses dois meios descritos? Uma divisão bem abrangente divide esses dois modos de ensinar arte.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

SOBRE A ARTE NA ESCOLA
DOCUMENTOS PÚBLICOS EMBASADORES
TRAJETÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL OS PRIMEIROS PASSOS
A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E FATOS POSTERIORES
O MOVIMENTO DE ARTE MODERNA E FATOS POSTERIORES
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 2

PARÂMETROS NACIONAIS PARA O ENSINO DA ARTE
BNCC: COMPETÊNCIAS
BNCC: OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES
O PAPEL DO PROFESSOR DE ARTE
A ARTE COMO LINGUAGEM
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 3

ARTE E COTIDIANO
A ABORDAGEM TRIANGULAR
A INDÚSTRIA CULTURAL E O ENSINO DA ARTE
ESCOLA: UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO
RAZÕES PARA ENSINAR ARTE NA ESCOLA
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 4

ARTES VISUAIS: ABORDAGENS E METODOLOGIAS
OBRAS DE ARTE NA SALA DE AULA
ARTES VISUAIS: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS
A MÚSICA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
MÚSICA: INTERAGINDO COM AS DEMAIS LINGUAGENS
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 5

A DANÇA NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
O TEATRO NO CONTEXTO DO ENSINO FORMAL
BNCC: ARTES INTEGRADAS
ARTES VISUAIS: PROPOSTAS DE INTERAÇÃO COM DANÇA E TEATRO
A AVALIAÇÃO EM ARTE
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 6

A ESCOLA INCLUSIVA
A BNCC DIANTE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA CEGOS
A SOCIEDADE PESTALÓZZI, A APAE E OUTRAS INSTITUIÇÕES
A ARTE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O PAPEL DO EDUCADOR
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
- FREIRE, P. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- SCHRAMM, M de L. L. As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte. In: PILLOTTO, S. S. D. Ilvia Sell Duarte; SCHRAMM, M de L. L. (Org.). Reflexões sobre o ensino das artes. Joinville: Ed. Univille, 2001. v. 1, p. 20-35

DISCIPLINA:
RECREAÇÃO E LAZER

RESUMO

A Educação Física tem uma íntima relação com os estudos da recreação e do lazer, seja pela produção teórica ou na formação de profissionais que atuam na produção e execução de eventos diversos na área.

Historicamente, os conteúdos da recreação e do lazer foram sendo apropriados pelos profissionais de Educação Física – apesar de a grande predominância ser relacionada com as práticas corporais – e incorporados nos conteúdos curriculares como uma disciplina.

Ainda que a Educação Física tenha supremacia nos estudos da recreação e lazer no Brasil, pelo menos quantitativamente, áreas como o Turismo, a Sociologia, a Pedagogia, entre outras, também contribuem para a promoção de discussões e desenvolvimento de intervenções nesse campo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

RECREAÇÃO E LAZER EM CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DIMENSÃO HISTÓRICA DO LAZER E DA RECREAÇÃO
DIMENSÃO HISTÓRICA DO LAZER E DA RECREAÇÃO NO BRASIL
SENTIDOS ATRIBUÍDOS À RECREAÇÃO E AO LAZER
CAMPOS DE ATUAÇÃO
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 2

EDUCAÇÃO PARA E PELO LAZER
DIMENSÕES EDUCATIVAS DA RECREAÇÃO
POLÍTICA PÚBLICA DE LAZER
GESTÃO ESTRATÉGICA DAS EXPERIÊNCIAS DE LAZER
LAZER E QUALIDADE DE VIDA
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 3

PRÁTICAS CORPORAIS E LAZER – OBJETO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESPORTE COMO LAZER
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (ESCOLA-RECREIO) E O LAZER (LAZER-ESCOLA)
ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA E LAZER
TICS E PRÁTICAS CORPORAIS DE LAZER
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 4

CONCEITUANDO O COMPORTAMENTO LÚDICO
COMPORTAMENTO LÚDICO E AS FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
JOGOS E BRINCADEIRAS COMO CONTEÚDOS DO LAZER
FESTAS E MANIFESTAÇÕES POPULARES

COMO O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA PODE ORGANIZAR UM EVENTO OU FESTA NO CONTEXTO DO LAZER?

NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 5

TEORIAS DE CUNHO ECONÔMICO
TEORIAS SOCIOLÓGICAS SOBRE O LAZER
TEORIAS SOCIOLÓGICAS DO LAZER
INQUIETAÇÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE LAZER
MATRIZES TEÓRICAS E METODOLOGIAS PARA PESQUISAR O LAZER
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

AULA 6

PLANEJAMENTO EM LAZER
ESTRUTURA DE UMA PROGRAMAÇÃO DE LAZER
COLÔNIA DE FÉRIAS
ACAMPAMENTOS
RUA DE RECREIO E FESTIVAIS RECREATIVOS
NA PRÁTICA
FINALIZANDO

BIBLIOGRAFIAS

- MARCELLINO, N. C. Lazer: concepções e significados. Licere, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.37-43, 1998.
- MASCARENHAS, F. Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer. 2005. 307f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MELO, V. A; JUNIOR, E. de D. A. Introdução ao lazer. São Paulo, Barueri: Editora Manole, 2003.
- SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. LICERE. Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

DISCIPLINA:

METODOLOGIAS ATIVAS

RESUMO

A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-se fundamental a adoção de metodologias que os envolvem e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
O QUE É ENSINO?
METODOLOGIAS DE ENSINO
METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO
SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO

AULA 2

INTRODUÇÃO
METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 3

INTRODUÇÃO
METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE
METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS
METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS
TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 4

INTRODUÇÃO
CULTURA DIGITAL
APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS
A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS
METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO

AULA 5

INTRODUÇÃO
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM
O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA
METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

AULA 6

INTRODUÇÃO
ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA
APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS
GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER
METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- HENGEMÜHLE, A. Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HERBART, J. F. Pedagogia geral deduzida da finalidade da educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.